



EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE E FORMAÇÃO UMA DISCUSSÃO DO OFÍCIO DA DOCÊNCIA.

Ma. Ednamar Fátima de Urzêdo Vitória
Centro Universitário Sul-Americana - Unifasam
ednamar@gmail.com

Dra. Liliane de Almeida Barros
Universidade Estadual de Goiás - UEG

O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre aproximações, distanciamentos, tensões e conflitos no ofício da docência na Universidade. Discutiremos algumas relações entre Universidade neoliberal, operacional e instituição. Amparados por escritores que discutem o assunto e nos instigam a buscar o sentido da Universidade e assim pensar sobre o paradoxo: formamos para o mercado capitalista ou para a emancipação da pessoa humana como um todo? Procuramos pôr em questão o sentido da educação e do espaço universitário que leva à formação humanizada e científica.

Assim, estudamos o sentido dessa educação que se dá a partir do homem e para o homem, dentro do espaço escolar que visa à formação humana como foco principal. Sendo destaque a humanização do ser humano, como ponto preponderante para a criação da emancipação e da autonomia.

Amparados por autores como Almeida (2019), Chauí (2001), Coêlho (2006), Guimarães (2014), entre outros, é possível pensar em um ensino que se faz com e para a vida, com assertividade e com liberdade, em que o ser humano seja sempre pensante e principalmente autônomo e emancipado. As questões da formação humana, no Ensino Superior, nos levam a navegar sob os holofotes desses pensadores. Ao buscar o sentido da Universidade, consideramos que ela deveria ser uma instituição, que é o mais viável à autonomia intelectual, ao invés de se tornar uma organização. Notamos que desde seu nascimento, no século XIII, ela foi pensada para possibilitar e estabelecer a autonomia e



XXII ENCONTRO NACIONAL DA ANFOPE

39 anos da carta de Goiânia: momento de celebrar conquistas e enfrentar os desafios

Reunião da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação - ANFOPE



a produção do conhecimento. Dessa forma, carrega em sua essência a tarefa da formação do ser humano como um ser pensante, autônomo e intelectual.

Ao longo de sua trajetória, notamos que mudanças e exigências foram sendo impostas por parte do mercado e do Estado. Para Chauí (1999), a autonomia universitária se reduz à administração de receitas e despesas e não para o cuidado e dever da autonomia intelectual.

Assim a formação deve ser um espaço, onde possa haver troca de experiências e saberes. Chauí afirma que as instituições se transformaram em organizações na atualidade, “essa rearticulação transforma uma instituição social, numa organização, isto é, como visto anteriormente, numa entidade administrada, cujo sucesso e cuja eficácia se medem em termos de gestão de recursos e estratégias de desempenho” (2001, p. 196). Assim, percebemos que a Universidade, transformada em organização, prioriza o que o mercado exige e, nesse interim, as questões, antes importantes, enquanto instituição, são descuradas. Coêlho corrobora esta ideia:

Predomina hoje na graduação, mesmo na área de ciências humanas, letras, artes e, às vezes, na filosofia, a preocupação com a utilidade, a aplicação do que é ensinado, o aprender a fazer, a instrumentalização do aluno para operar a vida pessoal, a sociedade e o mundo do trabalho, para superar os obstáculos e ser bem-sucedido na vida. Nos vários cursos e áreas do saber, grandes são os equívocos, os limites, os riscos e a ineficácia da ênfase na profissionalização dos estudantes universitários, em detrimento de uma formação e de uma cultura ampla, rigorosa e significativa. Na formação de professores, entretanto, a situação é mais grave e perigosa, pois estreita e limita a formação dos que devem formar as crianças, os jovens e os adultos. E então, não se busca o ensino, o aprendizado e o cultivo da teoria e da prática, nem possibilita a professores e estudantes participarem do trabalho de criação de verdadeiras escolas e Universidades. O resultado desse processo é o estreitamento de horizontes culturais, a banalização do saber e a existência humana, a adequação aos valores e às práticas do mundo dos negócios (2006, p. 46-47).

Quando pensamos no movimento que busca transformar a Universidade de instituição social a organização, constatamos o quanto se perdeu na caminhada evolutiva: a formação, a pesquisa, a crítica, o debate, o fazer do ensino voltado para a vida e não somente para a mercantilização, para o operacional. Fazer esse que sequer prepara o estudante, pois ele estará pronto para atender os pedidos e obedecer às ordens estabelecidas pelos seus superiores, mas não conseguem desenvolver-se no trabalho do pensamento crítico e autônomo.



XXII ENCONTRO NACIONAL DA ANFOPE
39 anos da carta de Goiânia: momento de celebrar
conquistas e enfrentar os desafios
Reunião da Associação Nacional pela Formação dos
Profissionais da Educação - ANFOPE



A formação da Universidade instituição permitirá vislumbrar o sentido da formação universitária, onde os estudantes superam o mundo das formas prontas e acabadas. Para Guimarães (2014),

Assim a formação resvala para às práticas fundadas nos princípios da economia, sempre testados no duro e frio mercado, e só aquecidos artificialmente pelas ações de crédito e débito, isto é, pela vantagem individualmente empreendedora. Institutos, centro educativos, escolas, faculdades; Universidades vão à fonte, o mercado, e com ele aprendem. Não por acaso, escutamos e vimos anúncios afirmando que fazer esse ou aquele curso nessa ou naquela instituição é o caminho mais curto para se conquistar um lugar no concorrido mercado de trabalho (2014, p. 552).

Ao estudar tais afirmações, é possível obter entendimento de como o mercado vem controlando a educação superior. O porquê fazer não tem a mesma importância do como fazer ou de como deve ser feito. Posterga-se ou prescinde do pensar, e enfatiza-se majoritariamente o prático e o operacional como unicamente importantes. O que devemos procurar é a construção da teoria pensada, discutida, debatida e internalizada como forma de crescimento, indo ao encontro do que faz a diferença na formação global do ser humano. Guimarães (2014, p. 553) afirma que “[...] a exploração da mais-valia e a decorrente alienação, reduzindo os homens, seres políticos, a indivíduos”. O homem individualizado, pensando somente em seu ‘minimundo’, tende a esquecer que ao seu redor gira uma infinidade de acontecimentos, que podem e devem ser questionados e melhorados.

Cabe aqui esclarecer o sentido da docência em todo este movimento vivido pela educação, que é exercida de acordo com a determinação da organização, para atender a uma solicitação eminente do mundo do trabalho e do Estado. Para melhor expor essa ação docente acompanhamos o pensamento de Guimarães quando afirma que:

Os professores e os gestores públicos, para serem eficientes segundo as exigências mercadológicas – e dificilmente o são fora delas –, tornaram-se uma espécie de empreendedores docentes. Precisam buscar recursos para financiar os seus projetos; precisam formar equipes de trabalho e prestar contas. Para isso se subjugam à lógica das agências de fomento, mais contábeis que acadêmicas, o que talvez tenham levado a que muitos direcionem, de olhos *vidrados* no montante de recursos, os seus objetivos de investigação, e a Universidade a propor ações vinculadas às demandas, dificilmente de olhos fechados para os milhões. Uns cumprem a sua jornada contratada e pegam *extras*, resultado de projetos aprovados em concorrência com os pares em



XXII ENCONTRO NACIONAL DA ANFOPE
39 anos da carta de Goiânia: momento de celebrar
conquistas e enfrentar os desafios
Reunião da Associação Nacional pela Formação dos
Profissionais da Educação - ANFOPE



editais públicos. Outros nem isso, mal cumprem as suas atribuições acadêmicas, guardam as suas energias para atividades externas, talvez mais rentáveis. Poucos, pouquíssimos, dedicaram as suas vidas em defesa do ensino e da pesquisa, à margem de tudo isso. Todavia, serão ineficazes e onerosos para aquela instituição que olha para o mercado procurando a tendência. Em outras palavras, serão professores de menor valor, porque não trazem para a instituição os recursos e, por decorrência, não os distribui entre bolsista, monitores, pesquisadores (2014, p. 558).

Em uma organização social, à docência passa a ter a função de um captador de recursos ao invés de ser um instigador, aquele que quer ajudar a tirar o discente da inércia alienante em que ele se encontra. Ao falarmos disso, poderia parecer que se prescinde dos recursos necessários, muito pelo contrário, são importantes e imprescindíveis para que se possa desenvolver as pesquisas e o projetos acadêmicos. Realçamos a necessidade de fazer uma formação na qual as ambições próprias do mercado capitalista não paralise o fazer educativo e a Universidade possa caminhar em busca de uma educação para a autonomia intelectual. Pensar a responsabilidade da docência, neste contexto, é ver o quanto o trabalho docente se deturpou e deixou de ser o que deve ser.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Liliane Barros de. *Jean-Paul Sartre [manuscrito]: a imaginação como modo de existir e de educar*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Goiânia, 2019.

CHAUI, Marilena. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo, Editora Unesp, 2001

CHAUI, Marilena. *A universidade operacional*. Disponível em http://www.uol.com.br/fol/brasil500/dc_1_3.htm

COELHO, Ildeu Moreira. Universidade e formação de professores. In: *Formar para o Mercado ou para a Autonomia*. Valter Soares Guimarães (org.). p. 43-63. Campinas-SP: Papyrus, 2006

GUIMARÃES, Ged. *O sentido da formação e da gestão na Universidade pública*. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 20, n. 43. 2014.

